

## **AGÊNCIAS E ALIANÇAS: LEITURA DO PROTAGONISMO GUARANI A PARTIR DAS OBRAS DE ULRICH SCHMIDEL (1567) E ÁLVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA (1555) NO PARAGUAI DA "CONQUISTA"**

José Alberto dos Santos Junior<sup>392</sup>

**Resumo:** A presente nota de pesquisa pretende analisar a relação hispano-guarani no forte de Assunção, uma das primeiras fundações espanholas na região do Rio da Prata e que atualmente corresponde à capital do Paraguai, e identificar o protagonismo indígena em meio a esse processo. Tomando como fontes dois relatos, a saber: o de Ulrich Schmidel, que foi um dos membros da expedição de Pedro de Mendoza, escolhido por Carlos V como o primeiro governador da Província do Rio da Prata e enviado à região para explorar o Rio da Prata e fazer fundações na região para a consolidação do domínio espanhol no local. E o segundo, escrito por Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, nomeado por Carlos V como governador sucessor de Mendoza e enviado para a região em 1540 para restabelecer Buenos Aires. Por meio da análise desses documentos – *Viaje al Río de La Plata (1567)* e *Comentários (1555)* – este texto abordará a relação hispano-guarani a partir dos seguintes aspectos: a dependência que os invasores europeus tinham em relação aos Guarani falantes, a influência que esses indígenas exerciam no cotidiano do forte, as diversas formas de respostas dos indígenas à violência espanhola, bem como a importância da mulher indígena para essa relação.

**Palavras-chave:** Assunção; Aliança; Protagonismo indígena; Guarani.

## **AGENCIAS Y ALIANZAS: LEYENDO EL PROTAGONISMO GUARANÍ A PARTIR DE LAS OBRAS DE ULRICH SCHMIDEL (1567) Y ÁLVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA (1555) EN EL PARAGUAY DE LA "CONQUISTA"**

**Resumen:** Esta nota de investigación pretende analizar la relación hispano-guaraní en el fuerte de Asunción, una de las primeras fundaciones españolas en la región del Río de la Plata y que actualmente corresponde a la capital de Paraguay, e identificar el papel indígena en este proceso. Tomando como fuentes dos documentos, a saber: el de Ulrich Schmidel, uno de los integrantes de la expedición de Pedro de Mendoza, elegido por Carlos V como primer gobernador de la Provincia del Río de la Plata y enviado a la

---

<sup>392</sup> Graduando em História (Bacharelado) na Escola de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7009119045857859>. E-mail: jose.alberto04@unifesp.br.

región para explorar el Río de la Plata y sentar las bases en la región para la consolidación allí del dominio español allí. Y el segundo, escrito por Álgvar Núñez Cabeza de Vaca, designado por Carlos V como gobernador sucesor de Mendoza y enviado a la región en 1540 para restablecer Buenos Aires. A través del análisis de estos documentos – *Viaje al Río de La Plata* (1567) y *Comentarios* (1555) – este texto abordará la relación hispano-guaraní a través de los siguientes aspectos: la dependencia que tenían los invasores europeos en relación con los hablantes de guaraní, la influencia que estos indígenas ejercían en la vida cotidiana del fuerte, las diferentes formas de respuesta de los indígenas a la violencia española, así como la importancia de las mujeres indígenas en esta relación.

**Palabras clave:** Asunción; Alianza; Protagonismo indígena; Guaraní.

### Introdução

Ao longo do tempo, a historiografia interpretou o processo da “Conquista” da América de maneiras distintas. Pode-se dizer que, apesar de suas diferenciações em conclusões e objetivos, uma perspectiva em comum foi adotada: a que considerou o europeu como agente predominante, quando não, exclusivo.<sup>393</sup> No entanto, a partir dos anos 1990 surgiu um ramo historiográfico de suma importância, denominado como “Nova História da Conquista”. Essa corrente se articula em torno de abordagens que orientam novos rumos para os estudos desse processo: “releitura de fontes ‘clássicas’, busca por documentos inéditos; ênfase em outros protagonistas, problematização de conceitos genéricos como “índio”, e a quebra de fronteiras geográficas e disciplinares” (RESTALL 2012:151-160 *apud* KALIL & FERNANDES, 2019:94). Portanto, a Nova História da Conquista busca trazer

<sup>393</sup> Desde o final do século XIX, quando os estados nacionais americanos recém independentes passam a escrever sobre o seu passado, essa perspectiva está presente. Nota-se um apagamento do mundo indígena, colocando-o como inferior em comparação à Europa e descrevendo os invasores como patriarcas das nações. Dentro dessa perspectiva, pode-se citar autores como Cecilio Báez (1903), Efraim Cardozo (1959) e Fulgencio Ricardo Moreno (1911). Ao longo do século XX, abordagens que traziam os indígenas começaram a surgir. Todavia, abordavam o mundo indígena a partir da perspectiva de sua destruição através do contato com os europeus ou de um reinvento forçoso através da etnogênese. Como exemplo, pode-se destacar autores como Miguel León-Portilla (1959) e Lockhart (1992).

novas interpretações para esse processo, evitando interpretá-lo de maneira eurocêntrica e evidenciando a agência indígena.

Baseando-se nesse ramo historiográfico, o presente texto tem como objetivo analisar brevemente duas obras clássicas para a historiografia que descrevem o processo da “Conquista” do Paraguai: *Viaje al Río de La Plata* (1567), de Ulrich Schmidel<sup>394</sup> e *Comentários* (1555), de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca<sup>395</sup>. Busca-se analisar a relação entre espanhóis e indígenas Guarani falantes durante o período abordado por estas fontes, trazendo uma nova leitura que identifique esses indígenas como protagonistas, evidenciando sua agência. Além do mais, busca-se problematizar a concepção de “Conquista” através do caso de Assunção. A partir disso, o texto abordará os fundamentos dessa aliança, a influência das relações internas e externas dos Guarani sobre os espanhóis, as diversas formas de respostas à violência dos espanhóis e negociações observadas, bem como a importância da mulher indígena para esse processo.

Natural de uma família nobre da Baviera, Ulrich Schimdel foi um dos membros da expedição liderada por Pedro de Mendoza, cavaleiro real nomeado por Carlos V como primeiro governador da Província do Rio da Prata e contratado para armar uma expedição em direção à região para dominá-la. Schmidel esteve na região entre 1534 e 1554 e atuou na maior parte do tempo como soldado nas expedições de exploração do território. Sua obra *Viaje al Río de La Plata* narra os acontecimentos vividos pelo germânico ao longo desse período, apresentando descrições interessantes

---

<sup>394</sup> Para esta análise, trabalhamos com a primeira versão do documento em português, traduzida pelo Prof. Dr. Arthur Blásio Rambo e publicada pela Paco Editorial em 2020, contando com as análises de Luís Guilherme Assis Kalil, Maria Cristina Bohn Martins e Franz Obermeier.

<sup>395</sup> Esta análise foi realizada por meio da leitura da tradução do documento para o português, feita por Jurandir Soares dos Santos e publicada pela L&PM editores em 1987.

acerca das populações indígenas da região, sobretudo, informações a respeito da relação hispano-guarani.

Álvar Núñez Cabeza de Vaca, por sua vez, nasceu em Xerez da Fronteira e foi um dos membros da expedição de Pánfilo de Narváez, enviada à Flórida em 1527. A expedição de Narváez foi atingida por um tornado ao chegar ao golfo do rio Mississipi. Cabeza de Vaca foi um dos poucos sobreviventes da expedição e ficou conhecido por atravessar a pé parte do que na atualidade corresponde ao México e aos Estados Unidos da América em direção à atual Cidade do México. Após retornar para a Espanha, foi enviado para a região em 1540 a fim de suceder a Mendoza e auxiliar os espanhóis que estavam lá. Ao chegar em Assunção, tomou decisões que geraram insatisfação entre os europeus, sobretudo no que diz respeito ao tratamento com os indígenas, acarretando sua destituição, em 1544. A obra *Comentários* narra os acontecimentos do período a partir da perspectiva de Pedro Hernández, secretário de Cabeza de Vaca, embora haja discussões acerca do envolvimento do ex-governador na autoria do documento. Ambos os documentos foram importantes fontes para a historiografia, sobretudo a de cunho nacionalista dos países platinos recém independentes, que buscava encontrar suas origens nessas obras, considerando sempre os europeus como principais agentes históricos.

### **Os fundamentos da aliança**

Os primeiros indígenas Guarani falantes<sup>396</sup> relatados na documentação são os Cario, que habitavam às margens do Rio Paraguai.

---

<sup>396</sup> A fim de evitar a reprodução da guaranização – que seria a falsa percepção colonial de que os Guarani faziam parte de uma etnia fixa e uniforme – este texto se referirá aos indígenas atribuídos nas documentações à essa etnia como “Guarani falantes”. A ideia em utilizar esse termo se baseia na concepção de que é impossível aferir com precisão a quais etnias os indígenas desse período pertenciam, uma vez que as descrições dos documentos não foram feitas por eles e esses registros podem apresentar equívocos acerca das categorias étnicas identificadas. Considera-se o uso da língua Guarani como um fator que

Esses indígenas foram encontrados pela expedição liderada por Juan de Ayolas, militar espanhol que atuava como ajudante de Mendoza. Sua expedição foi designada para encontrar alimento e construir um forte que pudesse servir de base para os espanhóis (CARDOZO, 1996). A respeito desse encontro, Schmidel (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020:73) relata que os Cario inicialmente não quiseram receber a expedição espanhola, fazendo armadilhas na terra. O autor demonstra que era do interesse dos espanhóis estabelecer uma aliança com esses indígenas devido sua fartura em alimentos, pois, mantinham o cultivo de milho, batata, mandioca, entre outros, além de viverem de caça e pesca (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020:70). No entanto, os Cario se aliaram aos espanhóis somente após serem supostamente derrotados em um confronto armado, selando o pacto com troca de presentes.

É válido ressaltar que a expedição de Ayolas estava em busca de indígenas que pudessem auxiliá-los e manter uma inimidade com os Cario, poderia comprometer a sua sobrevivência na região. Em diversos momentos, nota-se a preocupação dos espanhóis de não quebrar a aliança com os Guaraní falantes, o que será discutido melhor ao longo do texto. Após o estabelecimento da aliança, os Cario edificaram uma casa de pedra, terra e madeira, resultando na fundação da Casa forte de *Nuestra Señora de la Asunción* (Assunção), em 15 de agosto de 1537. Ainda sobre o momento do estabelecimento da aliança observa-se que Schmidel tenta enaltecer o poder bélico dos espanhóis, insinuando que os indígenas se aliaram a eles para garantir sua sobrevivência naquele momento, pois “não podiam

---

demarque a presença Guaraní nas documentações, pois há autores como André Silva (2018), que trabalham com a hipótese de que havia uma língua geral que fora confundida pelos europeus como exclusiva dos denominados indígenas Guaraní, passando a atribuir essa etnia a indígenas que não poderiam pertencer a ela. Portanto, ao longo do texto, a identificação de indígenas Guaraní descrita nas fontes será interpretada a partir do uso da língua.

mais se manter" diante das armas espanholas (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020:74). No entanto, há a possibilidade de entender esse momento de outra maneira.

É impossível aferir quais os pensamentos desses indígenas enquanto se aliançavam aos invasores europeus, porém, há algumas observações a serem feitas a respeito do contexto em que eles viviam que podem ter influenciado de alguma forma nessa decisão. Considerando que os Cario viviam uma disputa territorial com diversos grupos indígenas, uma aliança com os "novos homens" poderia ser vista como vantajosa por eles, possibilitando a derrota de seus rivais e o domínio de seus territórios (SUSNIK, 1979). Conforme John Monteiro (1992:483), os artigos estrangeiros foram alvo do interesse dos indígenas, tais como "armas de fogo, produtos de ferro, espelhos e bugigangas" e ao converter esses invasores em aliados, tais artigos estariam ao alcance.

A respeito disso, nota-se em *Comentários*, que o recebimento de itens estrangeiros poderia fazer parte de uma lógica de compra e venda de objetos, além de serviços. Enquanto estava a caminho de Assunção, por exemplo, Cabeza de Vaca (1987) passava por diversos povoados considerados Guarani, dando itens não somente em troca de alimento, mas também para que fosse auxiliado com informações dos indígenas, para que eles compusessem a expedição, construíssem embarcações e até prestassem ajuda médica.

A preocupação com o tratamento dado aos indígenas Guarani falantes também se fez presente enquanto o antigo governador esteve em contato com os Cario em Assunção. Uma das primeiras atitudes de Cabeza de Vaca ao chegar no forte foi preparar uma reunião com todos os capitães e sacerdotes, pedindo que "tivessem cuidado especial para que os índios não fossem maltratados e que lhe avisassem sobre tudo que ocorresse ao

contrário do que fora determinado" (CABEZA DE VACA, 1987:145). Essa preocupação, relacionada com o desejo dos espanhóis de serem aliados dos Guarani descrito por Schmidel, implica em uma importante característica da relação hispano-guarani: a evidente dependência dos europeus de ajuda indígena. Era visível a necessidade dos invasores de estarem aliados a indígenas que pudessem lhes prover alimento, segurança e os demais recursos necessários para a sua permanência na região, e os Guarani falantes foram agentes fundamentais para isso. Tratava-se de povos que poderiam atender suas necessidades de diversas formas, desde alimentação a auxílio militar (SPOSITO, 2012). No entanto, como visto, os espanhóis também poderiam atender às necessidades dos Guarani.

É importante salientar que esses aspectos citados acima são de âmbito econômico, havendo também a possibilidade de compreender os fundamentos dessa aliança a partir da perspectiva social e cosmológica Guarani.

Há três elementos da organização social Guarani que são fundamentais para compreender os mecanismos de relação desses indígenas: prestígio, reciprocidade e *cuñadazgo*. De maneira breve, o prestígio caracterizava qualidades individuais ou coletivas que faziam os indígenas, suas famílias, ou grupos se destacarem entre os demais. O prestígio poderia ser adquirido ou mantido a partir de elementos como a valentia, a capacidade de reunir pessoas para guerras ou festividades, a ampliação da família e realização de rituais de passagem (SOARES, 1997).

A reciprocidade, por sua vez, consistia que todo bem adquirido ou pacto realizado deveria ser correspondido, ou seja, as promessas feitas deveriam ser cumpridas de forma recíproca, de maneira que a aliança fosse honrada. Segundo Lévi-Strauss (1976), não havia relações de troca com caráter econômico no princípio da reciprocidade, pois na troca haviam

valores que iriam além do objeto, valores esses que influenciavam as comunidades de diversas maneiras. Ela era reforçada pelas atividades coletivas do cotidiano, como caça, pesca, construção de casas, convites para guerras e festas (SOARES, 1997).

Por fim, o *cuñadazgo* era caracterizado pela inserção de um indivíduo estrangeiro em um grupo Guarani falante através do casamento com uma mulher nativa. É um parentesco político, através do qual os líderes ofereciam suas filhas a fim de transformar o estrangeiro em familiar (SOARES, 1997). Além de tudo, tratava-se de uma forma de ampliação territorial, onde as redes de parentesco cresciam através dessa transformação do adversário em cunhado e, através da imposição da obrigação de respeito ao prestígio e reciprocidade, novos territórios e povos eram incorporados.

A partir disso, é possível fazer alguns apontamentos. A novidade de certos objetos introduzidos pelos invasores europeus poderia ser um fator de prestígio para o indígena que os possuísse, fazendo com que ele se destacasse entre os demais (SOUZA, 2002). O *cuñadazgo* e o princípio da reciprocidade também se fizeram presentes nessa aliança, uma vez que, transformar os espanhóis em seus parentes poderia trazer diversas vantagens, principalmente no que diz respeito à busca por hegemonia, além de dar o direito aos Guarani falantes de exigirem e demandarem que os espanhóis cumprissem suas obrigações dentro desse sistema. Sendo assim, pode-se considerar que os Cario se aliançaram aos espanhóis e os auxiliaram devido às vantagens que essa relação poderia oferecer e não para garantir a sua sobrevivência, diferente do caso dos espanhóis que necessitavam desses indígenas para sobreviver.

### **Mecanismos internos e externos de trato**

É possível identificar a agência indígena a partir da compreensão das redes de relações que esses indígenas mantinham interna – entre suas



parcialidades – ou externamente – com indígenas de outros grupos étnicos. A respeito das relações internas, um fator a se considerar é o extenso e rápido sistema de circulação e compartilhamento de informações. Cabeza de Vaca (1987) relata que ao aportar na ilha de Santa Catarina, por exemplo, obteve informações a respeito da situação em Buenos Aires pelos indígenas Guarani falantes habitantes da região. Em seu documento também é descrito que enquanto estava a caminho de Assunção era recebido por diversos indígenas Guarani falantes, pois as notícias a respeito do tratamento e da remuneração dos serviços prestados percorria rapidamente pelo interior do continente.

A partir disso, nota-se uma efetiva rede de comunicação entre os indígenas, visto que as informações pertinentes sobre os invasores europeus circulavam de modo a facilitar o reconhecimento desses e de suas ações, se tornando úteis para a construção das alianças e também para elaboração de ataques. A expedição de Cabeza de Vaca sofreu alguns ataques ao longo do caminho, principalmente quando era necessário que o grupo se separasse e viajassem em pouco número. Não é especificado a quais grupos étnicos esses indígenas pertenciam, mas é válido considerar a possibilidade de que a circulação de informações era crucial para a execução desses ataques, uma vez que a localização da expedição poderia ser compartilhada entre os indígenas, sendo eles guaranis ou não.

Em relação aos tratos que os Guarani tinham com indígenas de outras etnias, o que pode ser considerado é a influência exercida pela aliança hispano-guarani nos acontecimentos entre os espanhóis e outras comunidades indígenas. Como visto, os Guarani falantes situavam-se em um contexto de disputa territorial, dentre os seus principais adversários podemos citar os Agaze, Payaguá, Guaicurú e Yapurú. Schmidel relata que logo após o estabelecimento da aliança com os Cario, por exemplo, fora organizado

um ataque em conjunto com esses indígenas à vivenda dos Agaze (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020:75). Há também casos em que os espanhóis, ao se aliançarem com indígenas inimigos dos Guarani falantes, exigiram que a inimizade fosse encerrada.

Ao se aliançar com os indígenas Yapirué, por exemplo, Cabeza de Vaca prometeu os tratar bem, “contanto que acabassem com a guerra que moviam contra os guaranis”, buscando preservar o “bem estar” de seus aliados (CABEZA DE VACA, 1987:145). É válido ressaltar que em diversos momentos, os Guarani exigiam que seus aliados europeus os ajudassem contra seus inimigos. Por meio da influência dos Guarani falantes, os espanhóis organizaram diversas expedições, como a exploração do Chaco, habitação dos Guaycurú. O mesmo ocorreu com Domingo Martínez de Irala, sucessor de Cabeza de Vaca, que foi instigado a organizar ataques contra os Agaze e os Payaguá (SUSNIK, 1979).

### **Conflitos, estratégias e negociações**

O protagonismo indígena também pode ser notado nos momentos em que alguns desses indígenas se mantiveram contrários à aliança com os espanhóis, ou buscaram negociá-la de alguma forma. Um importante exemplo para essa discussão é o caso do indígena Aracare. Cabeza de Vaca (1987) relata que, ao organizar uma das expedições de exploração do território, esse indígena se voluntariou para ser guia. No entanto, enquanto ele estava conduzindo a expedição, é relatado que ele tentava coagir os indígenas a romperem sua aliança com os espanhóis, o que ocasionou na dispersão desses indígenas e no encerramento da viagem. Essa passagem demonstra uma estratégia recorrente nos registros do período, na qual os indígenas se declaravam aliados dos espanhóis, se “infiltrando” entre eles para que nos momentos oportunos os atacassem ou coagissem os demais indígenas, como foi no caso de Aracare.

Cabeza de Vaca (1987:171) também relata que Aracare tentou atrapalhar outras expedições, tentando convencer os indígenas de que os espanhóis não eram confiáveis, mas também os atacando. Aracare acabou sendo sentenciado à morte, sob a justificativa da Guerra Justa<sup>397</sup> e após a sua morte, ocorreu uma revolta liderada por um indígena chamado Tabere, que, de acordo com Ulrich Schmidel, seria irmão de Aracare (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020:92).

Há dois relatos sobre os desdobramentos após a destituição de Cabeza de Vaca que se fazem interessantes de apontar. Em *Comentários*, é descrito que ao tomar a governança da província, Irala vetou algumas ordenanças de Cabeza de Vaca, liberando o rapto e a exploração da mão-de-obra indígena. Esse quadro de violência acarretou na fuga em massa dos indígenas, diminuindo consideravelmente a população de Assunção. Se encontrando prejudicado por essa situação, Irala reverteu outra ordem de Cabeza de Vaca, passando a autorizar a antropofagia como tentativa de atrair novamente esses indígenas para Assunção.

Nota-se a partir desse caso a importância desses indígenas para a permanência dos espanhóis na região, que se mostravam dispostos em certos momentos a ignorar princípios caros a eles em prol da manutenção dessa aliança. Sobretudo, essa passagem pode ser usada como um exemplo de resposta dos indígenas à violência dos espanhóis e a imposição de limites na relação, buscando renegociá-la conforme o contexto. Cabe

---

<sup>397</sup> A grosso modo, a Guerra Justa era uma maneira de justificar o uso da guerra como alternativa. A realização de uma guerra deveria ser uma consequência inevitável e o único meio possível para o cumprimento de determinados objetivos. No caso da "Conquista" da América, a Guerra Justa era utilizada em diversos momentos para justificar a violência dos espanhóis para com os indígenas, como no caso de Aracare, que foi descrito como alguém que se rebelava contra os espanhóis e os atrapalhava. Para mais, ver: HANSEN, J. A. A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro. In: HOLANDA, S. B. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

lembrar Bartomeu Melià (1988), que afirma que os documentos mostram suficientemente uma resistência ativa dos Guarani falantes contra a violência dos espanhóis. O autor fez um levantamento de 23 ocorrências referentes a revoltas entre 1537 e 1609.

O segundo momento é o caos em Assunção relatado por Ulrich Schmidel. Havia uma instabilidade no forte e os espanhóis passaram a se inimizar entre si devido às discordâncias relacionadas aos acontecimentos com Cabeza de Vaca. Schmidel (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020) relata que os Cario se aproveitaram dessa situação, tentando expulsar os espanhóis da região, o que acabou não acontecendo devido uma traição. Um indígena ofereceu ajudar os espanhóis com informações das estratégias dos nativos e em troca, sairia ileso após o encerramento do conflito.

A partir desse caso, há dois apontamentos a respeito da agência e o protagonismo indígena. O primeiro diz respeito a heterogeneidade desses indígenas, que poderiam agir de maneiras distintas, de acordo com os seus mais diversos interesses, podendo também ser contrários aos demais indígenas. O segundo, por sua vez, está relacionado ao poder bélico dos Guarani falantes, pois conforme Schmidel, esse conflito teria durado um ano inteiro e, sem a ajuda de indígenas inimigos dos Guarani falantes, como os Yaperú, eles poderiam ter sido “fuzilados a qualquer momento” (KALIL; MARTINS; OBERMEIER, 2020:108).

É válido ressaltar que não se pode inferir se os Cario realmente buscavam expulsar definitivamente os espanhóis de Assunção, no entanto, é possível considerar que tratava-se de uma busca de renegociação da aliança. Como visto, a violência com os Guarani falantes se desenvolveu ao longo dos anos e os espanhóis deixaram de cumprir seus deveres como familiares. Susnik (1979) considera que as motivações em se opor à violência espanhola eram uma resposta ao desrespeito dos espanhóis para com eles,

que estavam faltando com a reciprocidade exigida. Essa ação significava para os Guarani falantes o rompimento dos princípios de aliança, o que poderia levar a uma guerra. Considerando que após esse conflito, a aliança foi reestabelecida, pode-se levantar a hipótese de que os Cario recorreram ao confronto armado como tentativa de renegociar a aliança ou forma de relembrar os espanhóis de seus deveres. Dessa forma, as estratégias traçadas pelos indígenas, independentemente de seu caráter e objetivo, são plurais.

Um último ponto interessante dessa passagem de Schmidel, é que Irala havia ordenado em determinado momento do conflito que mulheres e crianças Cario não fossem mortas, mas sim capturadas para que fossem usadas na negociação com os homens indígenas, o que nos leva ao último ponto desse texto.

### **O papel feminino**

No momento do estabelecimento da aliança, carios e espanhóis trocaram diversos presentes, sendo eles comida, animais e, principalmente, as mulheres indígenas. Foram duas para cada membro da expedição e seis para Juan de Ayolas. Schmidel relata que as mulheres indígenas poderiam custar uma camisa, uma faca, uma pequena enxada ou qualquer outro objeto de troca e que elas poderiam ser trocadas ou oferecidas em qualquer circunstância (KALIL, MARTINS, OBERMEIER, 2020: 70). No entanto, é importante considerar que essa é uma concepção econômica dos espanhóis e não se deve inferir que para os Guarani falantes elas tinham realmente esse valor monetário. Os espanhóis fizeram uso das práticas indígenas já existentes, se apropriando delas e reajustando de acordo com os seus interesses (GARCIA, 2015).

As mulheres Guarani falantes exerciam um papel fundamental no cotidiano de suas comunidades. Elas eram responsáveis sobretudo pelas

fainas agrícolas e, considerando a economia dos povos Guarani falantes, esse papel se tornava crucial para o seu funcionamento. Sociedades parentais como os grupos Guarani falantes possuem um setor econômico característico, no qual, “a produção é orientada pelas necessidades familiares”, fazendo com que o grupo familiar seja a “unidade de produção e consumo” (SOUZA, 2002:222). Em outras palavras, o alimento produzido é consumido e compartilhado exclusivamente dentro do âmbito familiar e as mulheres Guarani falantes, portanto, se tornam a base desse sistema.

Conforme autores como Candela (2020), as mulheres Guarani falantes se apresentavam como o elemento mais importante dessa sociedade, uma vez que todo o circuito de abastecimento estava na mão dessas mulheres. Garcia (2015) também afirma que o estabelecimento dos espanhóis na região só foi possível graças ao acesso às mulheres indígenas, pois somente através do casamento com mulheres Guarani falantes que esses homens eram inseridos nas comunidades e usufruíam de tudo o que era possível. Um fator importante a se considerar é que os Guarani falantes estavam espalhados ao longo de uma vasta região, haja visto no relato de Cabeza de Vaca, que na ilha de Santa Catarina esteve em contato com esses indígenas e foi encontrando diversos grupos Guarani falantes ao longo de sua viagem em direção a Assunção. Garcia (2015) também aponta que as redes Guarani articulavam e conectavam diferentes áreas a partir do *cuñadazgo*, fazendo com que os indígenas – consequentemente os espanhóis – obtivessem acesso às diferentes áreas do continente por meio das relações de parentescos adquiridos através de suas esposas.

Como visto ao longo do texto, os espanhóis passaram a tratar os indígenas com violência, desrespeitando princípios importantes como a reciprocidade. Segundo Pastore, os espanhóis converteram o *cuñadazgo* em ferramenta de extração coercitiva dos serviços laborais dos indígenas.

“Foi assim que chegaram a utilizar suas esposas como escravas, trocando-as livremente entre si por roupas, cavalos ou outras mercadorias” (1984:151). Esse contexto de violência, portanto, foi responsável pela organização de levantes indígenas contra os espanhóis, e também de outras formas de resposta, como visto anteriormente. Em relação a como as mulheres indígenas agiam frente a esse contexto, há relatos de que muitas fugiam, algumas acabavam optando ao aborto, para que seus filhos não fossem submetidos à tais violências, e algumas recorriam até mesmo ao suicídio (CANDELA, 2018). A temática acerca do papel das mulheres Guarani falantes, bem como suas ações em meio a esse processo ainda é pouco estudada. Sendo assim, cabe ressaltar que identificar o protagonismo dessas mulheres e aprofundar esse assunto são alguns dos objetivos da pesquisa.

### **Considerações finais**

Os documentos analisados se fazem importantes ferramentas para a compreensão do processo em questão, no entanto, há alguns aspectos a considerar acerca de seus contextos de produção e aspectos da escrita. Havia uma discussão recorrente na Europa desse período a respeito da “provável” humanidade dos indígenas e sua natureza, o que é visto em ambas as obras, mas com certas diferenças. Os autores se atentam em descrever detalhadamente as comunidades indígenas encontradas, explicando sua demografia, costumes, alimentação e afins para que se aferisse a humanidade ou não desses indígenas. Schmidel, por exemplo, compara aos espanhóis aqueles indígenas que os auxiliam, ou desumaniza aqueles que não prestavam ajuda, comparando-os a animais.

Um aspecto interessante de sua escrita é que, mesmo considerando os indígenas humanos ou não, as narrativas são construídas de modo que os inferiorize. Em *Comentários* nota-se que não há essa tentativa de inferiorizar

ou desumanizar os indígenas, o que pode estar relacionado à vivência de Cabeza de Vaca. Há autores que consideram que sua constante preocupação com os ameríndios foi utilizada como fio condutor da narração de *Comentários* com o intuito de limpar a sua reputação, visto que o mesmo havia sido julgado e condenado em Sevilha pelas denúncias daqueles que o destituíram do governo da província (LOPEZ-CASTILLA, 2011). Esses aspectos são importantes de ter em mente, pois, mais do que simplesmente descrever suas realidades, essas fontes foram produzidas em contextos específicos, refletindo os possíveis interesses de seus autores (GARCIA, 2015).

A partir dos apontamentos elencados ao longo do texto, pode-se considerar que há elementos nas narrativas que evidenciam a agência e o protagonismo indígena, mostrando os Guarani falantes como agentes fundamentais para a permanência dos espanhóis na região, sobretudo para a sua sobrevivência. Torna-se possível, portanto, olhar para esse processo pela perspectiva de que os espanhóis se estabeleceram inicialmente na região de Assunção por permissão dos indígenas, que, agindo de acordo com os seus interesses, inseriram os invasores europeus em suas comunidades como “familiares” e, principalmente, apesar das assimetrias dessa relação, exerceram influência nos mecanismos das alianças estabelecidas internamente ou externamente, com outros grupos étnicos, além de estarem diretamente ligados aos desdobramentos narrados nos documentos.

Cabe ainda questionar a concepção convencional de ter ocorrido efetivamente o processo da “Conquista” na região platina. Como descrito pelas fontes, a fase inicial da aliança hispano-guarani se caracterizou pelo apoio mútuo, sobretudo militar. No entanto, cristãos e Guarani não tinham os mesmos objetivos com essa aliança, nem buscavam alcançá-los da mesma forma (MELIÀ, 1988). Havia se criado inicialmente essa impressão, que foi



aproveitada pelos dois lados certamente de forma desigual, uma vez que os Guarani falantes foram perdendo aos poucos seu espaço e autonomia nessa aliança “em face do desenvolvimento de práticas e instituições espanholas que visavam maximizar a exploração da mão-de-obra nativa” (MONTEIRO, 1992:483). O aumento gradativo da violência, juntamente das doenças europeias reduziu a população indígena, que não se manteve passiva a esse processo, respondendo constantemente à violência dos espanhóis e se impondo de diversas maneiras, como visto anteriormente.

A visão mistificadora da “Conquista” que individualiza e resume os acontecimentos a um punhado de homens considerados “excepcionais” que enganaram e dominaram facilmente os indígenas – buscando suprir a necessidade humana de procurar heróis e vilões no passado – não é contemplada pelo caso de Assunção, ou nenhum outro (RESTALL, 2006). Trata-se de um processo histórico complexo, sendo resultado do contato de dois mundos conflitantes. Dessa forma, longe de serem vítimas, os Guarani falantes devem ser vistos como protagonistas de sua história, que “desenvolveram estratégias próprias que visavam não apenas a mera sobrevivência, mas, também, a permanente recriação de sua identidade, frente a condições progressivamente adversas” (MONTEIRO, 1992:475).

### **Referência bibliográfica**

CABEZA DE VACA, Á. N. *Naufrágios e Comentários*. São Paulo: L&PM Editores, 1987.

KALIL, G. A., MARTINS, M. C. B., OBERMEIER, F. *Ulrico Schmidl e sua crônica quinhentista*. 1 ed. Jundiáí: Paco Editorial, 2020.

### **Bibliografia**

CARDOZO, E. *Paraguay de la conquista*. Asunción: Editorial El Lector, 1996.

CANDELA, G. *Entre la pluma y la cruz. El clérigo Martín González y la desconocida historia de su defensa de los indios del Paraguay. Documentos inéditos (1543-1575)*. Asunción: Tiempo de Historia, 2018.

\_\_\_\_\_. Marginalidad, precaridad, indianización y middle ground em el Paraguay de la conquista 1526-1575. *Estudios Paraguayos* - VOL. XXXVIII, Nº 1 - Junio 2020.

GARCIA, E. F. Conquista, sexo y esclavitud em la cuenca del Río de la Plata: Asunción y São Vicente a mediados del siglo XVI. *Americanía. Revista de Estudios Latinoamericanos*. Nueva Época (Sevilla), n. 2, p. 39-73, jul-dic, 2015.

KALIL, L. G., FERNANDES, L. E. Narrando a Conquista: como a historiografia leu e interpretou os acontecimentos ocorridos no México entre 1519 e 1521. *Hist. Historiogr.* v. 12, n. 30, maio-ago, ano 2019, p. 71-103.

LÉVI-STRAUSS, C. *As Estruturas Elementares de Parentesco*. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1976.

LOPEZ-CASTILLA, Maria del Pilar. (2011) *Alvar Nuñez Cabeza de Vaca y sus narrativas sobre la exploración del Río de la Plata (1540-1545)*. Dissertations. Western Michigan University. Disponível em: <[https://scholarworks.wmich.edu/dissertations/433/?utm\\_source=scholarworks.wmich.edu%2Fdissertations%2F433&utm\\_medium=PDF&utm\\_campaign=PDFCoverPages](https://scholarworks.wmich.edu/dissertations/433/?utm_source=scholarworks.wmich.edu%2Fdissertations%2F433&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages)>. Acesso em 20 de junho de 2022.

MELIÀ, B. *El Guaraní conquistado y reducido: Ensayos de Ethnohistoria*. Asunción

MONTEIRO, J. M. *Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII*. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

PASTORE, Mario. Trabalho Forçado Indígena e Campesinato Mestiço Livre no Paraguai: uma Visão de suas Causas Baseada na Teoria da Procura de Rendas Econômicas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, 1984.

RESTALL, M. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, M. C. & FELIPPE, G. G. (org). *Protagonismo Ameríndio de Ontem e Hoje*. Jundiáí, Paco Editorial, 2016.

SILVA, A. L. F. Quando todos são Guarani: a guaranização indígena em escritos do século XVI nas Províncias do Rio da Prata. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2018.

SOARES, A. L. R. *Guarani: Organização Social e Arqueológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOUZA, J. O. C. O sistema econômico nas sociedades Guarani pré-coloniais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dezembro de 2002.

SPOSITO, F. *Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/Rio da Prata, séculos XVI-XVII)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012

SUSNIK, B. *Los aborígenes del Paraguay*. Asuncion: Museu Etnografico Andres Barbero. 1979.